

LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: EXPERIÊNCIA DO PIBID NO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE NEGRA

Marcelo Macedo de Sousa Filho ¹

Cecilia de Holanda Martins Acselrad ²

Venythyais Costa de Oliveira ³

Tania Serra Azul Machado Bezerra ⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência de práticas antirracista de um projeto de intervenção com mediações, utilizando os livros infantis como aliada no processo de alfabetização. Esta pesquisa foi realizada pelos bolsistas vinculados ao Núcleo de Alfabetização da Universidade Estadual do Ceará (UECE) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O projeto de intervenção foi desenvolvido em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma instituição pública de ensino localizada no Distrito de Educação III de Fortaleza, Ceará. Esta escrita tem como abordagem pesquisa de observação participante, com o objetivo de fortalecer a identidade negra dos alunos e a conscientização antirracista. As ações envolveram reflexões pessoais e interações entre os discentes e os docentes da instituição observada. Dentre as práticas antirracistas, por exemplo, trabalhamos com desenhos e pinturas, com seções chamadas respectivamente, “sinto o que sinto” e “cores que contam histórias”. A fundamentação teórica se dará a partir dos autores como Cavalleiro (2001), Soares (2023), Solé (2014) hooks (2020) que discutem sobre a necessidade de uma educação que, além de ensinar sobre o racismo, atue ativamente para transformá-lo, por meio de um currículo inclusivo e da formação crítica dos educadores, assim o processo de alfabetização se torna também um espaço de valorização das histórias e saberes da população negra, em consonância com a formação crítica e inclusiva dos educadores. Em suma, a intervenção com literatura infantil na escola foi apresentada em uma exposição construída a partir das práticas do PIBID, fortalecendo a identidade negra e promovendo educação antirracista. Observou-se que, ao incluir literatura negra na alfabetização, os estudantes mostraram maior interesse pela leitura e identificação com os personagens, fortalecendo vínculos culturais e compreensão sobre a diversidade.

Palavras-chave: Literatura Negra; Identidade Negra; PIBID; Alfabetização; Projeto de intervenção.

1 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará- UECE, macedo.filho@aluno.uece.br

2 Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará- UECE, cecilia.acselrad@aluno.uece.br

3 Professora Especializada em Alfabetização de crianças e Multiletramentos da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) venythyais.costa@educacao.fortaleza.ce.gov.br

4 Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará (UECE) tania.azul@uece.br





INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo mostrar a importância da literatura infantil e educação antirracista nas práticas contra o racismo no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), núcleo Alfabetização da Universidade Estadual do Ceará (UECE), relacionando a teoria presente na universidade e a prática, com bolsista do programa dentro de uma escola municipal de Fortaleza em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, nos quais, duas vezes por semana, ficam entre três a quatro bolsistas por dia na sala de aula, totalizando oito por escola.

Apesar de avanços pontuais, os números da alfabetização no Brasil ainda são alarmantes. Em 2024, o indicador nacional subiu de 56% para 59,2%, e 58% dos municípios apresentaram alguma melhora. No entanto, o dado mais preocupante permanece: menos de 60% das crianças brasileiras estão alfabetizadas na idade certa. Isso significa que quase metade das crianças chega ao 2º ano do ensino fundamental sem conseguir ler e escrever adequadamente. O esperado, no entanto, é que elas consolidem essa aprendizagem ao final desse ano. Vale lembrar que, antes da BNCC (2018), a meta era que a alfabetização fosse concluída até o 3º ano.

A fim de enriquecer a formação docente e a importância da literatura antirracista como uma forma de alfabetizar as crianças este estudo tem como ponto de partida, a necessidade de mostrar e discutir o trabalho realizado no fortalecimento da identidade negra das crianças no ambiente escolar mostrando sua realidade.

A metodologia escolhida foi a pesquisa de observação participante, junto a uma análise qualitativa, levando em consideração que o segundo é guiado pelo primeiro, entendendo que “o verbo principal da análise qualitativa é compreender”. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento” (MINAYO, 2012), pois precisamos levar em consideração o locus e os sujeitos da pesquisa, ou seja, o ambiente





escolar e os alunos, que possuem particularidades e exigem um olhar sensível e atento para as singularidades e subjetividade de ambos. A partir dessa vivência, iremos analisar como a

inserção dos bolsistas em que contextos a escola contribui para a construção de uma prática pedagógica literária e reflexiva na alfabetização.

O trabalho contará também com um levantamento bibliográfico de autores como Cavalleiro (2001), Soares (2023), Solé (2014) e Hooks (2020). Esses e outros autores contribuem com uma perspectiva de educação antirracista na alfabetização, defendendo um ensino que rompe com os moldes da educação tradicional e propõe uma prática pedagógica que reconheça o aluno como sujeito único, histórico e protagonista do seu próprio processo de aprendizagem.

Por meio da articulação entre teoria e prática, buscamos trazer as literaturas infantis antirracistas como forma de influenciar o processo de alfabetização e o fortalecimento da identidade das crianças, sendo a maioria da turma composta por crianças negras. A proposta se alinha ao que estabelece a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade racial. Dessa forma, o estudo pretende não apenas contribuir para a formação docente dos bolsistas, mas também destacar a importância de uma educação que valorize narrativas com personagens negros e promova o aprendizado de todos.

A experiência se iniciou em meados de fevereiro de 2025, em uma escola municipal de Fortaleza em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, por meio da inserção de estudantes de pedagogia do PIBID. Através de relatos sobre a experiência, a escrita objetivou-se em refletir sobre as práticas pedagógicas, buscando contribuir para uma formação docente significativa e antirracista.

Dessa forma, participando da construção de um espaço que valorize uma educação antirracista no ambiente escolar, especialmente no contexto da formação inicial docente, o ponto chave desta pesquisa passa a ser a construção profissional de professores comprometidos com práticas pedagógicas que assegurem o direito a uma educação de qualidade para todos os estudantes, reconhecendo e enfrentando as desigualdades raciais presentes no cotidiano escolar.





Para além disso, fomentar o diálogo entre a escola e a universidade, possibilitando uma troca de conhecimentos e experiências que fortaleçam a construção de uma prática docente mais reflexiva, acessível e comprometida com a diversidade.

METODOLOGIA

A abordagem dessa pesquisa é qualitativa, onde ela lida com diferentes interações entre alunos e bolsistas. A partir de um projeto de intervenção feito com uma turma do Ensino Fundamental. O procedimento da pesquisa foi uma observação participante, onde toda semana os bolsistas fazem um um diário de campo sobre as reações, fala, interações e desenvolvimento das crianças não apenas observando a sala de aula e sim tendo um olhar atento a cada aluno e estando próximo a cada um e ajudando cada um com suas necessidades, onde nosso planejamento sempre está em parceria com tudo que trabalhamos diariamente com as crianças. A turma que atuamos é o 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no Distrito de Educação 3 de Fortaleza, Ceará. Existem 20 alunos na turma na idade entre 6/7 anos com diferentes tipos de necessidades. Este trabalho irá contar com algumas produções feitas pelos alunos como desenhos e pinturas, nomeados como “Sinto o que sinto” e “Cores que contam histórias”. Este trabalho foi apresentado para a comunidade escolar e agora ele terá uma socialização com todos do PIBID para todos entenderem um pouco do trabalho que está sendo feito com as crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Educação Antirracista e Identidade Negra

Este trabalho se fundamenta em teorias que discutem a educação como ferramenta de transformação social, com ênfase nas perspectivas antirracistas. Entre essas vozes, destacam-se bell hooks e Eliane Cavalleiro, cujas contribuições se articulam para embasar a intervenção aqui relatada. bell hooks (2020) defende a "educação como prática da liberdade", onde o conhecimento se torna ferramenta de transformação e não de opressão. Para a autora, a sala de aula deve ser uma "comunidade de aprendizagem" onde todos crescem coletivamente.

Eliane Cavalleiro (2024) complementa esta perspectiva ao analisar concretamente o racismo nas escolas brasileiras. A autora alerta que "o cumprimento da Lei n. 10.639/2003





continua sendo desrespeitado ou se mostra frágil na maioria das escolas brasileiras", destacando a urgência de ações antirracistas. Ela defende a transformação das escolas em "territórios de equidade e respeito", onde cada aluno se sinta "genuinamente respeitado, valorizado e capacitado para florescer". Juntas, as teóricas fornecem a base para esta pesquisa:

Hooks com sua pedagogia libertadora e Cavalleiro com a análise do racismo educacional e os caminhos para superá-lo.

2. Alfabetização, Letramento e Literatura Infantil

O processo de alfabetização é compreendido por alguns autores, como Solé (2014) como decodificação, ganha novo significado quando coadunamos com Soares (2023) que diz que o sistema de escrita alfabética (SEA) é um sistema notacional. Nesse sentido, a autora Soares (2023), discute sobre as práticas de alfabetização e letramento, destacando a importância dos contextos significativos e materiais que dialogam com a realidade dos estudantes. Já Solé (2014) argumenta sobre as contribuições e discursos sobre a mediação da leitura e da formação de leitores críticos, ressaltando a importância do texto literário como uma ferramenta de acesso ao mundo e à construção dos sentidos.

3. Formação Docente e Práticas Inclusivas

No PIBID e na formação inicial dos professores, reforça a importância da articulação entre teoria e prática, preparando futuros educadores para atuar em contextos diversos e desafiadores em sala de aula.

A interação entre os bolsistas e a escola observa-se a necessidade de que haja uma formação docente que inclua a discussão sobre as relações etno-raciais, conforme está previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnico-raciais (ERER). Onde a escola só trabalha sobre o selo antirracista⁵, uma vez por mês é uma coisa só para os docentes da escola, e na verdade precisaria ser para toda a comunidade escolar.

Dessa forma, o referencial teórico adotado não apenas situa a pesquisa no campo das práticas antirracistas e de alfabetização, mas também vincula-se à formação de professor destacando a literatura infantil como instrumento de valorização da cultura negra e da promoção de uma educação mais crítica e inclusiva.

5 Projeto com iniciativa da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) de incentivar as escolas a falar sobre o combate ao racismo





RESULTADOS E DISCUSSÃO Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

“É igual o cabelo do tio!”: A construção identitária através da Literatura antirracista

Durante o início do ano letivo, a partir das vivências em sala de aula do semestre passado com a turma do primeiro ano, nós, bolsistas, vimos a importância de trabalhar com as crianças o fortalecimento da identidade delas, visto que havia muitos casos de racismo entre elas. Então, buscamos iniciar com contações de literaturas infantis antirracistas. Viemos trabalhando com elas diversas literaturas, duas delas sendo Bernardo sob o Céu Estrelado, do escritor Vinícius Ferraz, e o livro Amoras, do escritor Emicida.

Durante a apresentação do livro Bernardo sob o Céu Estrelado, ao visualizar a ilustração da capa, o João⁶ exclamou: “É igual ao seu cabelo, tio!”, tocando em seguida nos meus cachos. Essa reação de identificação imediata foi registrada em outras cinco crianças ao longo das nossas contações de história com os livros antirracistas, expressando o reconhecimento ao ver personagens com características físicas similares às suas. Este momento de autorreconhecimento ilustra o que Hooks (2020, p. 13) define como “educação como prática da liberdade”, na qual o conhecimento deixa de ser uma imposição e se torna uma ferramenta de afirmação identitária. A fala espontânea do aluno demonstra o “engajamento crítico” que Hooks (2020, p. 27) considera essencial, pois as crianças não apenas decodificavam o texto, mas “aprofundavam e enriqueciam seu engajamento com o mundo” por meio da identificação com os personagens. O projeto criou as condições para que, como propõe hooks (2020, p. 68), a “sala de aula se tornasse uma comunidade de aprendizagem”, na qual cada criança pôde se ver representada e valorizada, rompendo com a invisibilidade que frequentemente caracteriza a experiência de crianças negras na literatura escolar tradicional. Vale destacar que, ao longo do nosso trabalho com as crianças, elas procuraram constantemente fazer carinho ou massagear o cabelo de nós, bolsistas, com cachos, e também nos colegas em sala de aula.

Pintando emoções - a expressão de sentimentos

Após a mediação do livro “AMORAS” do autor Emicida, onde quando foi lido para as crianças tiveram diversos questionamentos como, “Tia a Amoras parece comigo, uma

⁶Os nomes utilizados neste artigo são fictícios, a fim de preservar a identidade das crianças





criança negra?”, “Tia, o que será que a Amoras tá pensando?” Tia, as amoras do fruto são da mesma cor que a Amoras.”. Essas foram algumas perguntas que as crianças fizeram no momento da contação de história e ficaram curiosas e questionando como existem outros objetos e pessoas na história da mesma cor que eles.

Um resultado notável na hora da contação foi a recorrência de perguntas e de desenhos que capturavam a metáfora central da Amora como um símbolo de identidade entre eles de forma positiva. Porque existiam muitas crianças que não se identificavam como uma criança negra e a partir dessa contação e de outras histórias já contadas para eles sobre o afroreferenciamento eles tão começando a se autoidentificar e ter sua própria personalidade. Nesse sentido, conforme Soares (2022, p. 37), “a alfabetização deve ser um processo que se realiza em contextos significativos, com práticas sociais reais de leitura e escrita, em que a criança se reconheça como sujeito da linguagem e da cultura”. Tornando a leitura literária um espaço de aprendizagem viva, onde o letramento está diretamente ligado às vivências e identidades das crianças.

Depois dessa contação e das inúmeras perguntas feitas por eles e por nós bolsistas que também fizemos alguns questionamento para eles depois da história, virando uma roda de conversa, onde pudemos escutar o que cada um mais gostou da história, e teve diversas respostas como “Tia, eu gostei da parte que ela se identifica com o Martin Luther King, da parte que ela se identifica com a fruta amoras, de que ela é uma criança negra e da parte parte que ela faz diversas perguntas para o pai dela”. Essa interação entre leitor e texto pode ser compreendida segundo Solé (2014, p. 22), quando afirma que “ler é um processo de interação entre o leitor e o texto, no qual o leitor busca construir uma compreensão do conteúdo, apoiando-se em seus conhecimentos prévios e nas informações que o texto fornece”. Às crianças, ao relacionarem suas vivências pessoais com a narrativa, demonstraram compreender e ressignificar o texto de modo autônomo e criativo.

Logo, depois que escutamos as crianças, cada uma voltou para a sua cadeira e fez um desenho no seu próprio caderno sobre a parte que mais gostou, e tiveram diversos desenhos diferentes e entregamos também a caixa de lápis de cor de tons de pele, vale ressaltar que cada criança tem a sua, e desenharam e pintaram do seu jeito e entregamos o livro para as crianças para quem quisesse desenhar igual com o livro e vimos como cada criança se identifica com a amoras.



Figura 1: Aluna realizando atividade de desenho inspirada no livro Amoras em sala de aula, explorando as cores e o tom de pele da personagem.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores

E que houveram crianças que chegaram para a gente e se identificaram real com a amoras e viram que em uma contação de historia também existem personagens negros e que são parecidos com eles, e a partir desses pensamentos e questionamentos das crianças que nós bolsistas estamos cada vez mais trabalhando sobre a autoidentificação deles e sobre o seu pertencimento no mundo e como ser diferente é normal, pois nós todos somos diferentes um do outro.

Um dos desenhos a criança desenhou a capa do livro onde tem a própria Amoras, e ela disse que se autoidentificou com ela por ela ser negra da mesma cor que ela e ter os cabelos também parecido com o dela, e depois dessa contação essa criança vem se aceitando cada vez mais e se identificando com a sua cor, e antes ela dizia que não era uma criança negra e a partir do trabalho que já vinha sendo feito com as contações de história ela tá conseguindo se aceitar e se autoidentificar do jeito que ela é e foi feita para o mundo.



Figura 2: Desenho do livro Amoras realizado pela aluna Joana⁷, destacando o tom de pele do personagem como elemento de identidade e valorização.



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores

“Para além da sala de aula”: O impacto nas Famílias e na Comunidade Escolar

Realizamos uma exposição com familiares e gestão escolar para mostrar as atividades artísticas que as crianças produziram a partir das contações trabalhadas, onde após cada contação as crianças realizavam uma atividade artística. Nessa exposição o objetivo foi ir além da sala de aula, para mostrar às famílias das crianças o trabalho realizado com elas, e para dar voz ao PIBID e conhecer nós, bolsistas, e também valorizar o protagonismo infantil.

No momento de deleite das atividades expostas com as literaturas antirracistas, uma mãe, ao observar as atividades das crianças, comentou emocionada: “O trabalho de vocês é muito lindo, eles terem o conhecimento da cor de pele deles é muito importante”. Durante a exposição as crianças passaram a comentar espontaneamente com os seus familiares sobre suas características físicas de forma positiva.

A fala da mãe revela a transformação que nós, como bolsistas, estamos trazendo para nossos alunos, e de uma forma que, como futuros docentes, também seguiremos em atuação com temáticas antirracistas. Esse resultado ganha ainda mais relevância quando

⁷ Os nomes utilizados neste artigo são fictícios, a fim de preservar a identidade das crianças





consideramos que, segundo Cavalleiro (2024), “o cumprimento da Lei n. 10.639 continua sendo desrespeitado ou se mostra frágil na maioria das escolas brasileiras” (p. 5).

A exposição com os trabalhos produzidos pelas crianças durante as mediações de contações literárias mostra que é possível mudar práticas racistas e preconceituosas. Nesse sentido, nosso projeto representa justamente o tipo de “ação concreta” defendida por Cavalleiro (2024, p. 6), que afirma ser urgente “refletirmos sobre os desafios persistentes e a necessidade premente de ações concretas para efetivar uma educação que combata o racismo em todas as suas manifestações, garantindo um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo e qualitativo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou a relevância da literatura infantil antirracista como ferramenta pedagógica potente na alfabetização e na formação da identidade das crianças, especialmente em contextos escolares marcados pela diversidade étnico-racial. Articulando teoria e prática, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel do professor na construção de uma educação comprometida com os princípios da equidade e do respeito às diferenças.

Observando o contato das crianças com obras literárias que trazem personagens negros, sendo mencionado alguns dos livros trabalhados: o livro *Amoras*, de Emicida e Bernardo sob o Céu Estrelado, de Vinícius Ferraz, despertou nelas sentimentos de pertencimento, valorização da própria identidade e reconhecimento de si nas narrativas. Esses momentos de leitura e diálogo se configuraram como espaços de construção simbólica e afetiva, nos quais a literatura cumpriu sua função social de ampliar horizontes, fortalecer vínculos promovendo o respeito à diversidade.

A presença dos bolsistas em sala de aula, atuando com intencionalidade pedagógica e sensibilidade diante das singularidades dos alunos, contribui significativamente para o fortalecimento de práticas inclusivas e antirracistas. O trabalho desenvolvido no PIBID mostrou-se essencial para a formação inicial docente, promovendo o desenvolvimento de um olhar crítico e empático, indispensável para o enfrentamento das desigualdades raciais no cotidiano escolar.

Existe uma necessidade de ampliar o debate sobre as relações étnico-raciais para toda a comunidade escolar, conforme preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e a Lei 10.639/2003. A efetivação de uma





educação antirracista demanda que tais discussões ultrapassem o espaço restrito dos projetos e se tornem parte da cultura institucional da escola.

Dessa forma, conclui-se que o uso da literatura infantil antirracista na alfabetização representa uma prática pedagógica que vai além do ensino da leitura e escrita: trata-se de um ato político e formativo, que reconhece a criança como sujeito de direitos, portadora de voz, história e identidade. O trabalho desenvolvido reafirma o compromisso da universidade com uma formação docente crítica e transformadora, capaz de promover uma educação de qualidade socialmente referenciada, que respeite e valorize as diferenças e contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira e africana. *Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos*, Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 2 out. 2025.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2024.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução: Bhuvi Libânio. São Paulo: Elefante, 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). 58% dos municípios melhoraram alfabetização. Brasília, DF: MEC, 11 jul. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/julho/58-dos-municipios-melhoraram-alfabetizacao>. Acesso em: 2 out. 2025.

SOARES, Magda. *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. 1. ed. 6. reimpr. São Paulo: Contexto, 2023.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.



